

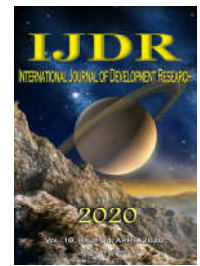


ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

*International Journal of Development Research*  
Vol. 10, Issue, 04, pp. 35162-35166, April, 2020



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## UTILIZAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL PELA EQUIPE DE ENFERMAGEM EM UM SERVIÇO DE ATENDIMENTO MÓVEL DE URGÊNCIA

**\*<sup>1</sup>Selminha Barbosa Bernardes Senna, <sup>2</sup>Francisco Lucas de Lima Fontes, <sup>3</sup>Alexsandra Maria Ferreira de Araújo Bezerra, <sup>4</sup>Hallyson Leno Lucas da Silva, <sup>5</sup>Naasson Damasceno Silva, <sup>6</sup>Mardem Augusto Paiva Rocha Júnior, <sup>7</sup>Raphael Gomes de Brito, <sup>8</sup>Cidianna Emanuely Melo do Nascimento, <sup>9</sup>Dânia Lima Cruz, <sup>10</sup>Haylla Simone Almeida Pacheco, <sup>11</sup>Leandro Cardozo dos Santos Brito and <sup>12</sup>Mayron Raphael Pereira Viana**

<sup>1</sup>Enfermeira, especialista em Gestão em Saúde pela Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, Brasil; <sup>2</sup>Enfermeiro, especialista em Saúde Pública e Docência do Ensino Superior, mestrado em andamento em Ciência Política pela Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, Brasil; <sup>3</sup>Enfermeira, mestranda em Terapia Intensiva pela Sociedade Brasileira de Terapia Intensiva. Teresina, Piauí, Brasil; <sup>4</sup>Enfermeiro, especialista em UTI Neonatal e Pediátrica pelas Faculdades Integradas de Patos. Natal, Rio Grande do Norte, Brasil; <sup>5</sup>Acadêmico de Enfermagem pela Faculdade UNINASSAU - Campus Redenção. Teresina, Piauí, Brasil; <sup>6</sup>Enfermeiro, especialização em andamento em Enfermagem em Nefrologia pela Faculdade UniBF. Paraíso do Norte, Paraná, Brasil; <sup>7</sup>Enfermeiro, especialista em Enfermagem Obstétrica pela Faculdade Integral Diferencial - Wyden. Teresina, Piauí, Brasil; <sup>8</sup>Enfermeira, mestre em Antropologia e Arqueologia, doutorado em andamento Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, Ceará, Brasil; <sup>9</sup>Enfermeira, especialista em Enfermagem do Trabalho pelo Centro Universitário Internacional. Teresina, Piauí, Brasil; <sup>10</sup>Enfermeira, mestrado em andamento em Saúde e Comunidade pela Universidade Federal do Piauí. Teresina, Piauí, Brasil; <sup>11</sup>Enfermeiro, mestrado em andamento em Ciências Biomédicas pela Universidade Federal do Piauí. Parnaíba, Piauí, Brasil; <sup>12</sup>Acadêmico de Enfermagem pela Faculdade UNINASSAU - Campus Parnaíba. Parnaíba, Piauí, Brasil

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 14<sup>th</sup> January, 2020

Received in revised form

26<sup>th</sup> February, 2020

Accepted 11<sup>th</sup> March, 2020

Published online 29<sup>th</sup> April, 2020

#### Key Words:

Biossegurança, Enfermagem em Emergência, Equipamentos de Proteção Individual.

\*Corresponding author: *Selminha Barbosa Bernardes Senna Morais Soares,*

### ABSTRACT

Objetivou-se com este estudo verificar a utilização de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) pela equipe de Enfermagem em um Serviço de Atendimento Móvel de Urgência de Floriano-PI. Trata-se de um estudo descritivo e exploratório com abordagem quantitativa. A amostra foi constituída por sete profissionais de Enfermagem. Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário fechado e esta somente foi efetuada após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa. Constatou-se a utilização de luvas, botas e macacão durante os atendimentos de resgate por todos os profissionais participantes do estudo. A utilização de máscara e óculos de proteção foi relatada com menor frequência pelos trabalhadores, 42,85% e 28,57%, respectivamente. Ao serem questionados sobre a frequência de utilização da máscara e óculos de proteção na assistência de resgate, verificou-se que a adesão desses dois EPIs foi pequena. A urgência para realização de procedimento foi a justificativa mais frequente para o não uso dos equipamentos (43%), seguida da opção de risco não percebido (29%) e indisponibilidade no local (28%). Constata-se que os profissionais entrevistados possuem déficits de conhecimentos sobre os riscos biológicos e a real importância da utilização dos EPIs durante suas atividades laborais, como evidenciado pelo uso pouco frequente de determinados equipamentos.

Copyright © 2020, Selminha Barbosa Bernardes Senna et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Selminha Barbosa Bernardes Senna, Francisco Lucas de Lima Fontes, Alexsandra Maria Ferreira de Araújo Bezerra et al., "Utilização de equipamentos de proteção individual pela equipe de enfermagem em um serviço de atendimento móvel de urgência", *International Journal of Development Research*, 10, (04), 35162-35166.

### INTRODUCTION

Os cuidados executados pelos profissionais de Enfermagem durante a assistência em saúde precisam de constante reorientação a fim de se priorizar ações de prevenção, proteção

e promoção de saúde. Contudo, durante a prestação dos serviços esses profissionais devem também privilegiar sua segurança (SALLES; ANJOS, 2019). Os riscos são intensos, durante os atendimentos é comum o contato direto com secreções e eliminações advindas daquele que está sendo

atendido. A equipe de Enfermagem encontra-se em um ambiente com vasta gama de microrganismos, necessitando da utilização dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), como recurso de proteção e minimização das chances de aquisição de doenças infectocontagiosas (BARBOSA *et al.*, 2017). Os EPIs são a principal forma de proteção do trabalhador que encontra-se em frequente contato com materiais biológicos. Eles devem ser utilizados sempre que o profissional tenha risco de contato com material potencialmente infectante e também durante a assistência diária aos pacientes, independente de conhecê-los ou não, colocando em prática assim todas as precauções universais de regra (SILVA *et al.*, 2019). Em meio a avanços e a transformações na Microbiologia e na área da saúde em geral, tornou-se imprescindível introduzir o conceito de Biossegurança dentro dos serviços de saúde. Trata-se de um conjunto de medidas e cuidados que objetivam prevenir, controlar, reduzir ou extinguir agentes agressores que coloquem em risco a saúde humana, em especial do trabalhador (ANDRADE *et al.*, 2018). Não é possível falar de Biossegurança sem citar as Normas Regulamentadoras (NRs) 6 e 32, do extinto Ministério do Trabalho e Emprego. A NR 6 trata da utilização dos EPIs pelos trabalhadores. Importante ressaltar que, para os profissionais de Enfermagem, os principais EPIs são touca, óculos, máscaras, luvas e jaleco. A NR 32, por sua vez, versa sobre condutas para promoção, proteção e recuperação da saúde de trabalhadores, abrangendo desde de educação continuada desses profissionais, riscos (biológicos, químicos, radiações ionizantes e acidentes) no ambiente de trabalho e profilaxia de tais riscos (SILVA *et al.*, 2019). As atividades profissionais exercidas nos setores de urgência e emergência são consideradas insalubres, muito por conta dos procedimentos imprevisíveis e ágeis realizados pelos trabalhadores da saúde. Os riscos ao profissional aumentam ainda devido ao alto fluxo de pacientes com patologias não diagnosticadas e também ao grande quantitativo de politraumatizados que são resgatados pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU). Por serem tão corriqueiras, essas situações deixam o trabalhador negligente quanto ao uso dos EPIs, expondo-o aos riscos ocupacionais (BARBOSA *et al.*, 2017). Somado a isso, os profissionais que atuam no SAMU encaram outros desafios como: insuficiente capacitação das equipes; ambientes pouco seguros no atendimento às vítimas; espaço limitado para execução de procedimentos e manobras, tanto com o veículo imóvel quanto em movimento; inadequada conformação biopsicoemocional para atuação no atendimento pré-hospitalar; e dificuldades na realização de procedimentos críticos e descarte de resíduos da assistência (PORTELA *et al.*, 2018). Diante do brevemente explanado, o objetivo deste estudo foi verificar a utilização de Equipamentos de Proteção Individual pela equipe de Enfermagem em um Serviço de Atendimento Móvel de Urgência de Floriano-PI.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório com abordagem quantitativa desenvolvido no SAMU de Floriano, município a 247 km de distância de Teresina, capital do Piauí. O serviço está vinculado à Secretaria Municipal de Saúde da referida cidade, um trabalho avançado que se fundamenta na Política Nacional de Atenção às Urgências, que é a referência no atendimento pré-hospitalar neste município. O SAMU de Floriano foi implantado em dia 31 de março de 2006 e é resultado da parceria entre o governo federal e as secretarias

estadual e municipal de saúde. Com o serviço, a população tem acesso às chamadas pelo 192, o número nacional de urgência médica, funcionando 24 horas por dia e atendendo as variadas urgências e emergências de saúde (SESAPI, 2020). O serviço possui uma estrutura operacional composta por uma Central de Regulação Médica e quatro ambulâncias, sendo duas de suporte avançado. A equipe de trabalho conta com médicos, enfermeiros, telefonistas, radioperadores, auxiliares e técnicos de Enfermagem, coordenador administrativo e condutores de unidades móveis. Diariamente, o SAMU atende Floriano, localidades vizinhas e cidades da região sendo realizados na zona urbana do município aproximadamente 30 atendimentos diários (SESAPI, 2020). A população deste estudo constitui-se de nove funcionários lotados no quadro efetivo de Enfermagem que atuam no suporte avançado de vidas do SAMU de Floriano. A amostra foi constituída por sete profissionais de Enfermagem, que se enquadraram nos critérios de inclusão da pesquisa que foram: experiência mínima de seis meses e exercício ativo no período determinado da coleta de dados. Foram excluídos aqueles que estavam em licença por questões de saúde e/ou fêrias, constituindo um total de dois profissionais.

Foi utilizado um questionário fechado, sendo a coleta dos dados realizada no dia do plantão de cada profissional, devido à facilidade de encontro. Os resultados encontrados para as indagações objetivas foram processados e tabulados por meio do *software* Microsoft Excel © 2013, analisados de forma descritiva e matemático-estatística, apresentados na forma de gráficos e tabelas, segundo as frequências absolutas e relativas. A coleta e análise dos dados só foram iniciadas após avaliação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Integral Diferencial sob número de protocolo 074/10. Os aspectos éticos que regem a pesquisa com seres humanos foram rigorosamente respeitados, conforme preconiza a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, que estabelece as normas para a pesquisa com seres humanos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme os dados expressos na Tabela 1, constatou-se a utilização de luvas, botas e macacão durante os atendimentos de resgate por todos os profissionais participantes do estudo. A utilização de máscara e óculos de proteção foi relatada com menor frequência pelos trabalhadores, 42,85% e 28,57%, respectivamente. A variável “outros” surgiu ao ser citada por um dos entrevistados, contudo não foram especificados por ele quais seriam esses outros recursos de proteção individual utilizados durante as assistências de resgate do SAMU de Floriano.

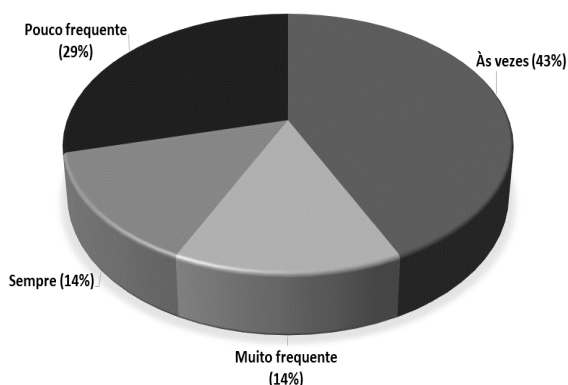
**Tabela 1. Utilização dos EPIs pelos profissionais de Enfermagem do SAMU de Floriano, Piauí, Brasil**

Equipamentos de Proteção Individual	Nº	%
Luvas de procedimento	7	100%
Máscara	3	42,85%
Óculos	2	28,57%
Botas	7	100%
Macacão	7	100%
Outros	1	14,28%

O dia a dia do profissional de Enfermagem é envolto de atividades que podem comprometer sua saúde e integridade física, uma vez que encontra-se exposto a riscos em suas

práticas profissionais. Isso requer dos trabalhadores vasto conhecimento sobre situações de saúde, controle sobre o processo de trabalho e competência no gerenciamento de riscos. No setor de urgência e emergência esses domínios precisam ser intensificados, ao passo em que há um aumento da exposição aos riscos ocupacionais pelos atendimentos imediatos e provisórios às vítimas de traumas ou com patologias imprevistas (LORO *et al.*, 2016). Esses riscos ocupacionais associam-se principalmente aos riscos biológicos aos quais o profissional de saúde que não faz uso de EPIs submete-se. As chances de contaminação ou infecção existem, mas podem ser consideravelmente diminuídas e/ou evitadas com a adoção de precauções padrão, como a utilização dos EPIs pelos profissionais responsáveis pelos atendimentos em saúde (FERNANDES *et al.*, 2017). Essas precauções devem ser colocadas em prática no atendimento a todos os pacientes, independente dos fatores de risco ou patologias de base (RIETH *et al.*, 2014). Os EPIs são recursos de utilização individual reservados à proteção profissional e ao manejo da integridade física e de saúde do trabalhador. Comumente, os equipamentos mais usados por profissionais de saúde são as luvas, a máscara, a touca, os óculos de proteção, o jaleco e o avental (BARBOSA *et al.*, 2017). Os EPIs também podem variar de acordo com o setor em que se trabalha. No atendimento pré-hospitalar, por exemplo, faz-se uso do macacão em substituição do jaleco e/ou avental.

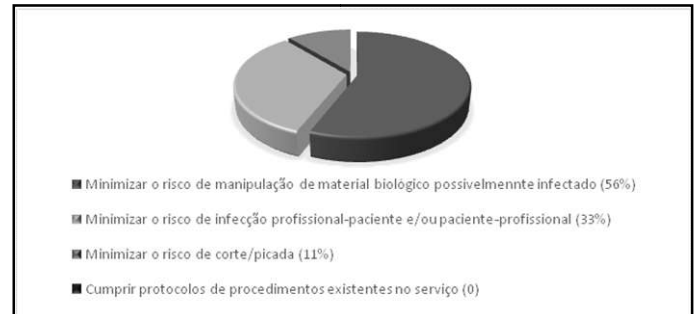
A utilização adequada dos EPIs é de fundamental importância, pois possibilita a execução de procedimentos e manobras de maneira segura tanto para o profissional assistente, quanto para o paciente assistido (MAFRA *et al.*, 2008). O uso combinado ou não dos EPIs minimiza a disseminação de microrganismos e protege as regiões do corpo expostas à material infectante (BARBOSA *et al.*, 2017). Ao serem questionados sobre a frequência de utilização da máscara e óculos de proteção na assistência de resgate, verificou-se que a adesão desses dois EPIs foi pequena, de acordo com o evidenciado no Gráfico 1. A opção “às vezes” foi visualizada em expressivos 43% da amostra, seguida da opção “pouco frequente” com 29%, o que demonstra uso esporádico durante os atendimentos. Essa utilização eventual dos equipamentos pode ser explicada pela adesão apenas quando se toma conhecimento do diagnóstico de alguma doença infectocontagiosa do paciente com percepção do risco de contaminação.



**Gráfico 1. Frequência de utilização da máscara e dos óculos de proteção pelos profissionais de Enfermagem do SAMU de Floriano, Piauí, Brasil**

Mesmo com a plena noção da existência de riscos no ambiente de trabalho, as recomendações das práticas de Biossegurança ainda não estão consolidadas no cotidiano laboral dos

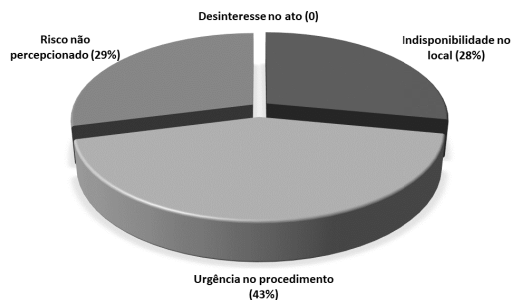
trabalhadores, realidade que pode estar associada ao sentimento de invulnerabilidade desses profissionais (VALIM; MARZIALE, 2011). Assim, a utilização adequada dos EPIs relaciona-se diretamente ao grau de responsabilização/consciência do profissional e é consequência das condutas que a equipe de saúde desenvolve em parceria (LUZ *et al.*, 2013). Importante enfatizar a correta compreensão de que todo sujeito que precisa dos serviços de saúde pode estar potencial infectado (RIBEIRO *et al.*, 2009). Estudos apontam que, apesar de os profissionais de saúde reconhecerem a presença dos riscos no ambiente e dinâmica laboral, frequentemente ignoram os riscos de contaminação e a relevância da proteção durante as atividades no exercício da profissão (RIBEIRO *et al.*, 2010; CORRÊA *et al.*, 2017). A disponibilização dos EPIs nos serviços de saúde torna-se razão fundamental para a utilização destes recursos pelos profissionais durante a oferta dos cuidados. A NR 6 aconselha que os EPIs sejam fornecidos pelos empregadores aos profissionais que exercem atividades laborais de risco em quantidade suficiente, assim como se garanta sua reposição sempre que necessário (BRASIL, 2006). Ficam apresentadas no Gráfico 2 as informações sobre os principais motivos pelos quais os profissionais de Enfermagem utilizam os EPIs. Comprovou-se que as causas relacionadas ao uso dos EPIs pelos trabalhadores do SAMU estudado associavam-se, principalmente, a minimização do risco de transmissão de infecção profissional-paciente e/ou paciente-profissional (33%) e minimização do risco de manipulação de material biológico possivelmente infectado (56%). O cumprimento dos protocolos de procedimentos não foi lembrado pelos entrevistados.



**Gráfico 2. Distribuição dos motivos pelos quais os profissionais de Enfermagem utilizam os EPIs no SAMU de Floriano, Piauí, Brasil**

Frequentemente, os profissionais de saúde necessitam executar procedimentos com rapidez devido ao grande número de pacientes e intercorrências ocasionadas pela mudança do estado de saúde daqueles que estão sendo atendidos, o que pode abrir lacunas para a ocorrência de acidentes com materiais perfurocortantes com consequente exposição a materiais biológicos (SANTANA *et al.*, 2018). Essas lacunas podem ser ampliadas de acordo com o setor em que se trabalha e as atividades que se desenvolve. Na assistência pré-hospitalar, com realização de ações de urgência e manobras de risco, os riscos de contaminação por materiais possivelmente infectado podem elevar-se. As chances de exposição a microrganismos veiculados pela corrente sanguínea, sobretudo o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), Hepatite B (HBV) e Hepatite C (HCV), é proporcional a manipulação de materiais perfurocortantes e materiais biológicos. Os profissionais de Enfermagem constituem a maior classe profissional dentro do setor da saúde, pela assistência direta e

ininterrupta aos pacientes, e cotidianamente se expõem a materiais possivelmente infectados (PIMENTA *et al.*, 2013). O manuseio de materiais contaminados com diversos tipos de secreções faz parte das ocupações da equipe de Enfermagem. É verificado que, frequentemente, esses profissionais manuseiam materiais biológicos de forma inadequada, elevando assim os riscos de acidentes (LAPA *et al.*, 2017). Isso releva a necessidade de ações de educação continuada e permanente no norteio sobre a correta manipulação de materiais biológicos, com ênfase na importância de utilização dos EPIs, além de avaliação da situação vacinal dos profissionais assistentes (LIMA *et al.*, 2016). O Gráfico 3 expõe os dados referentes à percepção dos profissionais sobre as razões pelas quais não recorrem ao uso dos EPIs. A urgência para realização de procedimento foi a justificativa mais frequente (43%), seguida da opção de risco não percebido (29%), seguida da opção de risco não percebido (29%) e indisponibilidade no local (28%).



**Gráfico 3. Distribuição das razões pelas quais os profissionais de saúde não recorrem ao uso dos EPIs no SAMU de Florianópolis, Piauí, Brasil**

O estudo de Sousa *et al.* (2016) pontuou que os profissionais possuem dificuldades em associar formação e atuação ou discurso e prática, reproduzidas pela inutilização dos EPIs, quando necessário. A utilização dos EPIs pelos entrevistados configura-se como uma ação meramente teórica, sem aplicação no cotidiano laboral, ainda que amplamente recomendada pelas precauções padrão. É relevante destacar que a eficácia no uso dos EPIs associa-se não apenas a sua adoção, mas também com a forma de utilização e manuseio correto, no intuito de compor estratégias simples para prevenção de acidentes e contaminação. Convém reforçar que a utilização de luvas, máscara, óculos de proteção, entre outros, contribuem na redução dos níveis de exposição física (FERNANDES *et al.*, 2017).

## CONCLUSÃO

Conclui-se que, durante os atendimentos pré-hospitalares de resgate, os profissionais de Enfermagem são expostos a uma vasta gama de fatores que podem levar a ocorrência de exposição ocupacional por materiais biológicos durante a execução de procedimentos e ações necessárias à complexidade do serviço de atendimento móvel de urgência. Constata-se que os profissionais entrevistados possuem déficits de conhecimentos sobre os riscos biológicos e a real importância da utilização dos EPIs durante suas atividades laborais, como evidenciado pelo uso pouco frequente de determinados equipamentos. Diante do exposto, são necessárias ações que visem a mudança de comportamento desses profissionais. Sabe-se que alterar condutas usualmente empregadas nos serviços é um desafio, e o emprego de práticas seguras depende de aspectos intrínsecos do profissional,

hábitos, vontade dos sujeitos envolvidos e sua percepção de certo e errado. Contudo, cabe ao serviço de atendimento pré-hospitalar a implantação de protocolos que incentivem a correta utilização dos EPIs e prevenção de acidentes durante o exercício profissional. Espera-se que este estudo desperte o interesse dos profissionais de Enfermagem que atuam nos serviços móveis de urgência a refletir sobre a importância de utilização dos EPIs. Reitera-se também a complexibilidade da temática, indicando-se a realização de estudos mais abrangentes.

## REFERÊNCIAS

- Andrade GB, Weykamp JM, Cecagno D, Pedrosa VSM, Medeiros AC, Siqueira HCH (2018). Biossegurança: fatores de risco vivenciados pelo enfermeiro no contexto de seu trabalho. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online* 10(2):565-571.
- Barbosa ADA, Ferreira AM, Martins ENX, Bezerra AMF, Bezerra JAL (2017). Percepção do enfermeiro acerca do uso de equipamentos de proteção individual em hospital paraibano. *Revista Brasileira de Educação e Saúde* 7(1):1-8.
- Brasil (2006). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Exposição a materiais biológicos. Brasília: Ministério da Saúde.
- Corrêa LBD, Gomes SCS, Ferreira TF, Caldas AJM (2017). Fatores associados ao uso de equipamentos de proteção individual por profissionais de saúde acidentados com material biológico no Estado do Maranhão. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho* 15(4):340-349.
- Fernandes MA, Castro SFF, Furtado NI, Araújo EC, Lemos GP, Oliveira ALCB (2017). Utilização de equipamentos de proteção individual: interfaces com o conhecimento dos profissionais de saúde. *Revista Prevenção de Infecção e Saúde* 3(1):16-21.
- Lapa AT, Dias PDG, Spindola T, Silva JM, Santos PR, Costa LP (2017). Manuseio e descarte de perfurocortantes por profissionais de enfermagem de unidade de terapia intensiva. *Revista Online de Pesquisa: Cuidado é Fundamental* 9(2):387-392.
- Lima EAG, Rocha IB, Lima D, Amendola F (2016). Revisão integrativa sobre acidente de trabalho com perfurocortante em profissionais de enfermagem. *Revista Saúde* 10(1-2):71-86.
- Loro MM, Zeitoune RCG, Guido LA, Silveira CR, Silva RM (2016). Desvelando situações de risco no contexto de trabalho da Enfermagem em serviços de urgência e emergência. *Revista Escola Anna Nery* 20(4):e20160086.
- Luz FR, Loro MM, Zeitoune RCG, Kolankiewicz ACB, Rosanelli CSP (2013). Riscos ocupacionais de uma indústria calçadista sob a ótica dos trabalhadores. *Revista Brasileira de Enfermagem* 66(1):67-73.
- Mafta DAL, Fonseca IC, Viana JX, Santana JCB, Silva MP (2008). Percepção dos Enfermeiros sobre a importância do uso dos Equipamentos de Proteção Individual para Riscos Biológicos em um Serviço de Atendimento Móvel de Urgência. *O Mundo da Saúde* 32(1):31-38.
- Pimenta FR, Ferreira MD, Gir E, Hayashida M, Canini SRMS (2013). Atendimento e seguimento clínico especializado de profissionais de enfermagem acidentados com material biológico. *Revista Escola de Enfermagem da USP* 47(1):198-204.

- Portela NLC, Pedrosa AO, Silva NS, Ramos JS, Silva RS, Santos RTC (2018). Riscos ocupacionais entre trabalhadores de um serviço de atendimento móvel de urgência. *Revista Ciências & Saberes* 4(2):986-992.
- Ribeiro AS, Gabatz RIB, Neves ET, Padoin SMM (2009). Caracterização de acidente com perfurocortante e a percepção da equipe de enfermagem. *Cogitare Enfermagem* 14(4):660-666.
- Ribeiro LC, Souza AC, Neves HC, Munari DB, Medeiros M, TrippleAF (2010). Influência da exposição a material biológico na adesão ao uso de equipamentos de proteção individual. *Ciência, Cuidado e Saúde*9(2):325-332.
- Rieth GH, Loro MM, Stumm EMF, Rosanelli CLSP, Kolankiewicz ACB, Gomes JS (2014). Uso de equipamentos de proteção individual pela enfermagem em uma unidade de emergência hospitalar. *Revista de Enfermagem da UFPE*8(2):365-371.
- Salles LL, Anjos JM (2019). Equipamentos de proteção individual no contexto laboral da enfermagem. *Revista UNINGÁ* 56(6):134-147.
- Santana RS, Fontes FLL, Santos MCSP, Néspoli BR, Pinho LF, Silva ALB *et al.* (2018). Percepções da equipe de Enfermagem sobre acidentes com materiais perfurocortantes em um centro cirúrgico. *Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research* 24(3):60-65.
- Secretaria Estadual de Saúde do Piauí (SESAPI) (2019). Saúde - Secretaria Municipal de Saúde de Floriano. 2020. Disponível em: <http://www.floriano.pi.gov.br/saude.php>. Acesso em: 23 de mar de 2020.
- Silva CED, Santos IL, Cavaignac ALO, Gordon ASA, Carneiro ICC, AraújoFTM *et al.* (2019). Utilização de equipamento de proteção individual pela equipe de enfermagem em um hospital público em Imperatriz-MA: um levantamento estatístico. *Brazilian Journal of Production Engineering*5(6):61-85.
- Sousa AFL, Queiroz AAFLN, Oliveira LB, Moura MEB, Batista OMA, Andrade D (2016). Representações sociais da Enfermagem sobre biossegurança: saúde ocupacional e o cuidar preventivista. *Revista Brasileira de Enfermagem* 69(5):864-871.
- ValimMD, Marziale MHP (2011). Avaliação da exposição ocupacional a material biológico em serviços de saúde. *Texto & Contexto Enfermagem* 20(esp):138-146.

\*\*\*\*\*